

# O Envolvimento das Assembléias de Deus na Política. As Circunstâncias da Região Sul do Pará

Rodrigo Peixoto  
*Museu Paraense Emílio Goeldi*

**Resumo:** Discute-se o envolvimento das igrejas pentecostais Assembléia de Deus na política regional, considerando perspectivas de evolução na qualidade deste envolvimento. Juntando depoimentos de políticos locais desta extração a informações da literatura que trata da participação dos evangélicos na política, serão abordadas questões, tais como: o despertar destas igrejas para a política, o fisiologismo como traço dominante e a possibilidade de segmentos destas instituições virem a ajudar na promoção de direitos de cidadania. Em região em que o poder local é em muitas localidades tiranizado, um papel institucional desse tipo seria muito importante. Olhando o exemplo da ala progressista da Igreja Católica, sabe-se que a união entre religião e política pode ser muito fértil, mas outras inferências não podem ser aplicadas à experiência das Assembléias na política regional, que é ainda muito recente. Há apenas indícios da possibilidade de segmentos destas igrejas atuarem no sentido da mudança política. Portanto, o envolvimento das Assembléias de Deus na política regional promove expectativas, mas ainda não permite conclusões.

**Palavras-chave:** Assembléias de Deus, poder político, fisiologismo, mudança política.

## Involvement of Assembly of God Churches in Politics: Circumstances in the South of Para

**Abstract:** This article discusses the involvement of the pentecostal churches of the Assembly of God in regional politics, taking into account its qualitative development. Based on statements gathered from local politicians together with information gleaned from the literature on evangelical participation in politics, the article deals with issues such as the churches' political awakening, opportunism as a dominant trait, and the possibility that such participation may help in promoting citizen rights. In a region where local political power is often wielded in a tyrannical fashion, an institutional role of this type gains importance. There is however, only a possibility that segments of the church will act in the sense of fostering political change. The involvement of the Assembly of God church in regional politics raises expectations, but as yet yields no firm conclusions.

**Key words:** Assembly of God, political power, opportunism, political change. •

Levando-se em conta o grande número de vereadores oriundos das Assembléias de Deus<sup>1</sup>, estas igrejas passam a significar poderosas bases lançadoras de políticos e aparecem como um dos mais importantes acontecimentos da política regional nos anos 90. Esse fenômeno, em grande medida examinado a partir das falas dos próprios políticos desta origem, é a novidade a ser tratada neste artigo, que também discute perspectivas de evolução na qualidade do envolvimento político destas instituições.

Competindo com sucesso em

eleições, estes novos atores políticos têm marcado presença em quase todas as cidades da região. E a instrumentalização da política, procurando carrear recursos para as igrejas que representam, é o que mais os tem caracterizado nesta mobilização. Associado a isso, o comportamento padrão da maioria dos políticos oriundos da Assembléia de Deus é a busca do beneplácito oficial, fisiologismo que contribui para os caracterizar como politicamente conservadores. A deferência à autoridade constituída, sem questionamentos, pois vista como instrumento da von-

tade divina, é o princípio seguido pelo crente convencional. Correspondentemente, a atitude pragmática da maioria dos políticos evangélicos é a de estar alinhado com os governos. Isso é o que mais caracteriza politicamente os membros das Assembléias no Pará e em outras partes do país.

Contudo, o conservadorismo e o fisiologismo não excluem outras posturas, uma vez que há exemplos, inclusive aqui no sul do Pará, de políticos desta extração francamente favoráveis à mudança política. Não obstante políticos originários das Assembléias de Deus com posturas francamente progressistas despontem como peculiares exceções da regra, é preciso reconhecer e enfatizar que, embora escassos, eles existem. Estes políticos progressistas, com seu exemplo, têm influenciado o ambiente evangélico e ajudado a relativizar a opinião de que político crente é necessariamente conservador.

Conservadores na maioria, a pecha de conservador, quando aplicada aos que estão imbuídos de política, desagradam-os. Questionados sobre posicionamento político, se de esquerda ou de direita, eles freqüentemente se intitulam de centro, porém há aqueles que procuram demonstrar em seus depoimentos o quanto os evangélicos têm evoluído. O trecho de depoimento a seguir mostra isso. Ao passo que a fala do pastor trai a aversão que ele tem à esquerda política, e esta aversão aparece como uma marca mesmo entre aqueles que se dizem de centro e manifestam preocupações sociais, ela também revela que a politização das igrejas das Assembléias de Deus tem tudo para caminhar célere, dado que tais líderes consideram um mérito o evangélico ser hoje mais progressista.

Olha, isso é um estigma que foi criado com o fim de atrapalhar a ascensão política dos evangélicos.

Eu te provo isso dentro do trabalho que é feito dentro das nossas igrejas, dentro das nossas comunidades evangélicas. O evangélico hoje ele é muito mais progressista do que aqueles que estão apregoando por aí o progressivismo, essa falsa liberdade, esse radicalismo, esse socialismo que estão importando. O evangélico hoje é mais progressista.

As Assembléias medram e se expandem entre os pobres. Por várias razões culturais e por uma ação institucional-utilitarista, que vai ao encontro da psicologia popular, há uma evidente empatia entre estas igrejas e segmentos empobrecidos da população. No sul do Pará, para aumentar esta empatia, há o relevante fato de que algumas igrejas desenvolvem projetos sociais ambiciosos para atender tais segmentos empobrecidos. Em decorrência, não parece absurdo supor que um aumento do interesse pela pobreza enquanto problema social possa ser capaz de transformar a qualidade deste envolvimento. Na medida de seu aprofundamento em questões sociais e a partir desta discussão sobre o que é ser progressista, possibilidades de politização poderiam ser criadas, envolvendo cúpula e fiéis.

O aprofundamento em questões sociais, o impacto da pobreza e discussões sobre envolvimento político podem levar as Assembléias a crescerem politicamente plurais, por isso é preciso concordar com Stoll (1986, p. 178), que diz que um dos problemas ao se analisar a participação dos pentecostais na política reside na "dificuldade de generalização... sendo que freqüentemente verifica-se a coexistência de posições divergentes no interior de uma mesma denominação". Essa necessidade de matizar a postura política dos membros das Assembléias é justamente um dos pontos explorados nesse artigo.

Ao examinar o envolvimento político dos pentecostais no Brasil e na América Latina, Rolim (1995, p. 9) diz: "nas ciências sociais, a particularização é uma trilha mais segura". Esta recomendação é seguida neste artigo, que, a partir de uma pesquisa de campo realizada em 1993, trata especificamente da realidade do sul do Pará. Justamente com base nesta pesquisa, é possível afirmar que, embora minoritariamente, a tomada de posturas progressistas por parte de políticos originários das Assembléias de Deus tem acenado com a possibilidade de coalisões políticas em torno de causas importantes para a vida das populações regionais. O princípio religioso de apartamento do mundo, de passividade quanto a questões seculares e de privilegiamento de interesses específicos da igreja, pode, em determinadas circunstâncias, ser superado por motivações de caráter mais social e gregário. Como exemplo desta possibilidade, uma campanha contra a violência, na cidade de Redenção, reuniu em passeata católicos e protestantes, inclusive pentecostais.

Tão importante quanto este evento tem sido a disposição demonstrada por algumas lideranças, das Assembléias de Deus e de outras igrejas, de promover associações em torno de engajamentos políticos menos particularistas. Motes como justiça social e cidadania, numa região que tem vários municípios dominados por elites retrógradas, podem se tornar pontos de convergência para progressistas de diversas denominações religiosas. Isso seria um importante elemento de mudança política.

Esta é a hipótese adiantada neste trabalho. No que se segue, os pontos de vista destes novos atores estão profusamente expressos. Eles falam sobre o crescimento das Assembléias, o despertar para a política, o fisiologismo e sobre projetos sociais. Relacionando estes de-

poimentos à realidade regional e também a informações da literatura que trata do envolvimento político dos evangélicos em outras partes do país, o artigo especula quanto à possibilidade destas igrejas ajudarem na promoção da cidadania e da democracia. Nesse sentido, e tomando a ação da ala progressista da Igreja Católica na região como referência, a história tem mostrado que a relação entre religião e política pode ser muito fértil.

### SOBRE O DINÂMICO CRESCIMENTO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS

Ligado ao reavivamento pentecostal iniciado em 1906 nos Estados Unidos, o missionário sueco Daniel Berg, "após provocar cisão numa Igreja Batista em Belém do Pará, fundou, junto com seu compatriota, Gunnar Vingren, as Assembléias de Deus, em 1911" (Mendonça e Velasques Filho, 1990, p. 47). Assim, as Assembléias começaram em Belém há 85 anos. E, como William Read observava ainda em 1965, as Assembléias têm crescido predominantemente em áreas urbanas onde se encontram grandes concentrações populacionais.<sup>2</sup>

De fato, uma das possíveis explicações para o rápido crescimento das Assembléias de Deus no sul do Pará é o rápido e insano ritmo de urbanização que a região tem experimentado. As Assembléias estariam crescendo em relação direta com o aumento dos bolsões de pobreza nas cidades (Mendonça e Velasques Filho, 1990, p. 51). Levas de migrantes continuam dirigindo-se para as cidades da região, criando áreas urbanas conhecidas como de invasão, onde as habitações apresentam padrão extremamente improvisado e a qualidade de vida é extremamente pobre. Neste contexto, as Assembléias, assim como outras igrejas pentecostais, teriam descoberto uma fórmula para a obtenção da receptividade

destas massas migrantes. Como Read (1965, p. 130) já notava, as Assembléias de Deus pregam o Evangelho para os migrantes pobres, e muitos respondem, enchendo os templos.

Regionalmente, as Assembléias de Deus seguem este modelo de crescimento calcado em massas migrantes marginalizadas. Elas têm sido organizadas em áreas com alto potencial de crescimento populacional, particularmente em centros regionais, tais como Redenção e Tucuruí, a partir de onde novas unidades se espalham para as cidades e vilas vizinhas. Associado à eficiência proselitista das Assembléias está o fato de que cada nova igreja precisa ser financeiramente autônoma, desde o momento de sua fundação. Tal necessidade confere a elas uma certa lógica empresarial. A renda do pastor é uma porcentagem da receita da igreja, ou um salário retirado desta receita, dessa forma os pastores formam igrejas ativas para lograr este padrão de auto-sustentabilidade e prosperar. O problema financeiro é resolvido aplicando-se os princípios bíblicos das oferendas e do dízimo a um crescente número de crentes. “O comando de trazer regularmente todo o dízimo devido ao Senhor para a Sua casa é ensinado persistentemente” (Read, 1965, p. 131). Assim, a partir de um crescente número de fiéis, todos eles contribuindo materialmente para a sustentação das igrejas, as novas unidades das Assembléias de Deus atingem logo uma independência econômica.

Mas os vários templos das Assembléias de Deus, que se estabelecem tão logo emerge um novo setor urbano pobre e com certa densidade populacional, não poderiam cativar tantas pessoas se a dinâmica de funcionamento das igrejas, seus ritos e todo o seu ambiente não exercessem um grande apelo popular. As igrejas pentecostais têm um atraente *modus operandi*, fato que já foi interpretado como uma bem su-

cedida “terapia para pobre” (conforme expressão do historiador Boris Fausto, citado na Folha de S. Paulo, de 17/9/1995). Contudo, parece que o pobre é atraído não tanto como alguém “que não tem mais nada a perder” (ibidem); ao contrário, ele parece ser atraído porque sente que pode ganhar. O que parece é que as igrejas pentecostais atendem a certas necessidades dos pobres. No caso das Assembléias, várias compensações são proporcionadas, sendo uma delas o oferecimento de oportunidades de participação e ascensão dentro das igrejas, oportunidades que os pobres não encontram na sociedade envolvente.

Segundo Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 51), “a liturgia livre, a possibilidade sempre aberta de acesso às lideranças, o apoio e solidariedade comunitários, assim como a probabilidade de manejo religioso do cotidiano, constituem atração permanente por parte das Assembléias de Deus às classes populares”. Além disso, de acordo com Freston (1993), há sempre alguma coisa para cada um fazer e, fazendo bem, qualquer um tem a oportunidade de se tornar um líder. Há vários níveis de liderança e, mostrando vocação, um crente, desde que seja homem e seja capaz de assimilar o *ethos* da Igreja na sua formação de líder, pode ser promovido a diácono, presbítero, pastor evangelista, pastor e, finalmente, presidente de Igreja.<sup>3</sup> Assim, parte da força de crescimento das Assembléias pode ser atribuída às oportunidades de participação e mobilidade que a instituição oferece a seus membros.

Um outro aspecto do funcionamento das Assembléias relacionado à sua capacidade arrebanhadora é o ambiente de aconchego encontrado pelos muitos que as procuram. A atmosfera interna de irmandade, confrontada com o clima externo hostil, marca um nítido contraste e, especialmente nessa região de fronteira, essa irmandade é muito mais tangível e tem um sentido muito mais prático que qualquer abstração de ci-

dadania. Para os pobres, as Assembléias são vistas como um refúgio que oferece apoio pessoal. E de fato as Assembléias recebem as pessoas de uma forma muito entusiástica: o diácono se coloca à porta para receber e guiar para dentro da igreja os que chegam, fazendo isso de forma calorosa. É também função do diácono visitar pessoas doentes e necessitadas, levando oferendas de outros crentes. Tudo isso são atitudes que reforçam os sentimentos de segurança e pertencimento dos fiéis para com sua igreja. A envolvente forma de operação das Assembléias está expressa no depoimento de Filipinho (líder camponês, oriundo de Comunidade Eclesial de Base (CEBs), ligado ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, que concorreu a vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições municipais de 1992), que faz a seguinte avaliação:

Eu outro dia estive discutindo um pouco com o padre Gaspar. Eu acho que... as igrejas evangélicas estão crescendo muito porque parece que elas dão mais assistência. Os pastores, embora judeiem um pouco, porque tem a questão do dízimo e aquela doutrina severa, eles têm mais carinho... Eles incentivam mais... Eles puxam muita gente pra ajudar... Eu já participei de muitos cultos, parecem que eles recebem o povo melhor... Fica uma pessoa na porta que recebe. Se tem um que já é da igreja ali sentado, ele vai lá e tira aquela pessoa e te assenta. Então com isso vai ganhando o povo. E a Igreja Católica não tem esse carinho tão adequado como eles têm. Eles estão preparados para aquilo. (...) E as igrejas evangélicas são muito animadas. Se tem 3 pessoas, eles tão fazendo barulho. O povo quer ver barulho... Nessas igrejas de crentes por aí é instrumento pra todo lado e barulho, e todo mundo vai lá e canta... Eu acho que a maioria não é nem tanto por causa da fé. (...) Eu sou católico, mas essa é uma questão que eu vejo.

As Assembléias de Deus oferecem um ambiente animado, o qual contrasta com a vida melancólica e sem perspectiva que a maioria da população pobre é obrigada a levar. Na sociedade envolvente, os pobres são tratados com indiferença e desprezo, enquanto essas igrejas oferecem proteção, inclusive permitindo a formação de uma rede de apoio interpessoal, a qual funciona efetivamente. Isso é o que conta Luiz Moreira, um migrante de Brasília, agora vereador em Xinguara, que fala da sua experiência:

Eu quero dar um exemplo: eu vim de Brasília pra cá, pra Xinguara. Então eu não conhecia ninguém em Xinguara. Na medida que eu cheguei em Xinguara, que eu levei minha carta de mudança, porque nós tratamos de carta de mudança ... um encaminhamento de uma Igreja para outra. Então quando eu entreguei aquele encaminhamento, que nós chamamos de carta... a Igreja me recebeu, passei a ser membro da Igreja. E na hora que a Igreja me recebeu acabou toda dificuldade para mim. Eu não fiquei mais desconhecido, eu era conhecido de todo mundo, a Igreja me apresentava para um aqui, esse já me apresentava para um outro... Nós não tem assim uma desconfiança entre si. Chegou ali, se agregou junto àquele grupo, e ali pode ficar à vontade, como se fosse um irmão.

Paralelamente a estas possibilidades de apoio e associação, encaminhando atitudes de ajuda mútua, as quais a população pobre raramente encontra em outros lugares, há outras razões de cunho psicológico para a atratividade das Assembléias de Deus. O próprio controle e autoridade exercidos pela Igreja sobre a vida dos crentes parece corresponder ao desejo destes por uma estrutura assim controladora. Esse ponto, que talvez ajude a explicar o caráter popular das Assembléias, é explorado por Filipinho, o sindicalista citado anteriormente, que diz que "o povo quer di-

reção”:

Você pode dizer que o povo quer ficar solto, mas eu acho que não é ... Porque a Igreja Católica deixa os cristãos até mais soltos, eles podiam até gostar mais da Igreja Católica. Mas na verdade tá saindo muitas pessoas pra outras seitas... Quando a pessoa vai na igreja ela espera uma direção. Ela espera que o pastor dirija, que ele dê conselhos e diga o que fazer... E também quando eu falo igreja não é só o padre, não é só o padre que deve ser direção da igreja, mas são várias pessoas que estão ali em volta. Pessoas que animam... As igrejas evangélicas cobram o dízimo, as pessoas pagam, a igreja cresce. A Igreja Católica também cobra e o povo não paga.

Para completar, os ritos das Assembléias de Deus e de outras igrejas pentecostais parecem conferir uma grande dose de emoção aos fiéis, provavelmente preenchendo necessidades psicológicas de migrantes sofridos. Elementos rituais em que o emocional é enfatizado parecem atrair o povo humilde, levantando grande entusiasmo aos crentes, que zelosamente assumem deveres e atividades, pregando fervorosamente nas ruas e convidando vizinhos para vir e participar dos serviços da igreja. Isto é o que Adilton, vereador em Xinguara, diz sobre o crescimento da sua igreja. Um aspecto interessante na fala de Adilton é o tom transparente que ele adota no seu discurso, como que compensando a controvérsia que o avanço dos pentecostais tem gerado. No que muitos vêem interesses escusos e manipulações, ele procura simplesmente ser cristalino:

Isso é uma coisa simples, não tem mistério. Essa questão está realmente muito ligada à Bíblia, a um ensinamento de Cristo, quando Ele orientou que saíssem discípulos de todas as nações, Ele falou “ide e pregai”. E nós temos ido e pregado, de casa em casa, de porta em

porta, nos presídios, nos hospitais, nas escolas, onde quer que seja, enquanto muitas vezes a Igreja Católica tem se limitado às 4 paredes. Então eu considero que o crescimento das igrejas, principalmente o pentecostalismo, está ligado a isso, porque até a igreja protestante tradicional se acomoda muito. Já o pentecostal avança mais, ele visita as casas, fala do Evangelho e convence pela palavra. Além disso tem aquilo que nós falamos dos dons espirituais, que acompanham esse trabalho. (...) O pentecostal defende os dons espirituais constantes da Bíblia, o dom de curar, o batismo no Espírito Santo, o falar em línguas estranhas (...) Então nessas áreas de fronteira, área de muita migração como aqui, tem tido muito sucesso.

## O DESPERTAR PARA A POLÍTICA

Os evangélicos começaram a aparecer na política nacional a partir das eleições de 1978 e 1982, como atestam os trabalhos de Stoll (1986) e Freston (1993). Mas foi logo após a conclusão do processo de abertura, portanto como um fenômeno da Nova República e, ainda mais sintomaticamente, com as eleições de 1986, que definia o Congresso que iria elaborar e votar a nova Constituição, momento fundamental de “reescrever” o país (Freston, 1993), que a presença de seus representantes na política se fez mais visível.

O que acontece no sul do Pará, com alguma defasagem de tempo, corresponde portanto a uma tendência nacional. Assim como ocorre em todo o país, direcionando seu esforço de evangelização fundamentalmente para os pobres, as Assembléias de Deus têm se expandido extraordinariamente também nesta região de fronteira e, como diz Freston (1992:42) acerca deste fenômeno nacional, “o engajamento político está seguindo o rastro do crescimento numérico”. Mas, regionalmente, os

evangélicos das Assembléias de Deus só irromperam como uma força política a partir das eleições municipais de 1992, quando ganharam assentos em quase todas as câmaras municipais, disputaram prefeituras e elegeram um prefeito e uma vice-prefeita.

Se, até recentemente, os pentecostais das Assembléias de Deus tinham por característica o apoliticismo, a partir desta atitude de auto-exclusão alguns líderes evoluíram para a constatação de que “o evangélico é moralmente e psicologicamente melhor preparado que a maioria dos políticos para governar com seriedade”, que é como Adilton, o já citado vereador de Xinguara, coloca o problema. A justificação anterior vai de encontro a certas interpretações doutrinárias vigentes entre os pentecostais até recentemente, que consideravam o apartamento da política uma virtude. O vigor atual do argumento da superioridade moral para governar revela como o pragmatismo na defesa dos interesses das igrejas pode contar mais que valores doutrinários, que vão sendo ultrapassados à medida que as igrejas se institucionalizam e precisam garantir espaço na sociedade por vias políticas. O depoimento abaixo, do mesmo vereador, condensa muito deste fenômeno do despertar para a política que envolve os membros das Assembléias de Deus. O despertar para a política é hoje um projeto abraçado por lideranças pentecostais, que estão dispostos a mudar a mentalidade dos fiéis, posto que se considera que estes estão “mal doutrinados”. O fato é que os resultados já se apresentam em termos de representantes políticos lançados a partir destas bases:

O evangélico, mesmo a nível nacional, demorou muito a se acordar para a política. Talvez até por uma questão de doutrina, de costumes, de formação religiosa, principalmente o pentecostal tinha uma certa aversão à política. Mais por uma questão de costume, talvez porque foi mal doutrinado, ensinado, ins-

truído. Agora é que esta mentalidade está sendo mudada. No Sul do país, por exemplo, o evangélico já está mais avançado. No Norte, agora é que está passando por uma nova fase, uma reciclagem. Falando aqui do sul do Pará, eu considero que nós tivemos um avanço considerável nessa eleição próxima passada, de 92. Eu falo isso porque se nós formos analisar ao pé da letra, em todos os municípios do sul do Pará, com raríssimas exceções, nós temos evangélicos representando a classe politicamente. Quando nós não temos um prefeito ou um vice, nós temos no mínimo um vereador.

Segundo Novaes (1985), Stoll (1986) e Freston (1993), a partir das eleições de 1978 e 1982, líderes pentecostais começaram a ser recrutados como cabo eleitorais em todo o país, sendo que alguns poucos surgiram movendo campanhas como candidatos. Mas é Freston quem insiste no significado de que uma participação mais direta de pentecostais em campanhas políticas, como representantes de suas igrejas, teve como marco as eleições constituintes de 1986. O autor pondera que o resultado desse envolvimento foi impressionante: o número de políticos pentecostais detendo mandatos de deputado federal saltou de 2 para 18. Portanto, foi a Constituinte que despertou uma maior politização dos pentecostais, porque, especialmente os líderes das Assembléias de Deus, um caso especial no universo dos pentecostais, teriam incorporado a percepção de uma ameaça cultural no processo da Assembléia Nacional Constituinte e materializado o desejo de ter seus próprios legisladores para priorizar certas questões (Freston, 1993, p. 217).<sup>4</sup>

Como os católicos, que na experiência das CEBs tinham por método relacionar religião e política por meio de analogias, comparando a vinda de migrantes nordestinos sem-terra para a Amazônia com o episódio bíblico do Exodius, em que os he-

breus migravam em busca de uma terra prometida, também os pentecostais usam a Bíblia para estabelecer uma ponte entre a política e a religião.<sup>5</sup> Os pentecostais igualmente transportam os episódios bíblicos para a realidade social corrente, imputando-lhes contemporaneidade. Aliás, eles estão sempre pautados na Bíblia, usando-a para justificar sua politização. Isso é explicado como se segue:

Olhando principalmente para o Velho Testamento, nós descobrimos que aqueles grandes líderes religiosos do passado também, além de líderes religiosos, desempenhavam uma função política. Considerando homens de Deus no passado, nós temos José do Egito, temos Moisés, nós temos Abraão, Josué, Calabi, Daniel, enfim são inúmeros. Poderíamos examinar com muito carinho inclusive a vida de José do Egito. Foi um excelente homem, que teve um papel muito preponderante, tanto na área religiosa, como um religioso, porque ele não deixou de praticar a sua religião, mas teve um papel considerável também como político. Ele ocupou um espaço muito grande na área política no Antigo Testamento. E esses homens nos servem de exemplo hoje, para que a gente use isso nesse trabalho de conscientização da classe evangélica, de que ele deve participar sim do contexto político nacional (Adilton).

A principal motivação para este afã de participação política está atada a razões institucionais. Reclama-se que o governo federal tem sido parcial na distribuição de recursos públicos, concedendo para a Igreja Católica em detrimento de outras denominações (Freston, 1993, p. 213/216). Uma vez que as elites políticas do país não valorizam as igrejas evangélicas, tratando-as até mesmo de forma pejorativa, os evangélicos sentem que a partir de uma presença significativa na política podem desenvolver melhor o

papel institucional que lhes compete. Socialmente, os evangélicos têm mostrado serviço, crescendo e influenciando cada vez mais a sociedade a partir de seus setores populares. Através da política eles querem obter reconhecimentos, benefícios e recursos, que até agora têm sido negados a eles. Com isso, eles se capacitariam mais para ampliar o esforço de evangelização. O pastor José Nicolau, de São Geraldo do Araguaia, desenvolve estes pontos:

Eu acredito que as igrejas pentecostais têm contribuído muito para o Estado, dado que um dos propósitos do Estado é combater o tráfico de drogas, a prostituição e a criminalidade que têm trazido sérios problemas para nossa nação. Nós temos contribuído imensamente para os objetivos do Estado. Entretanto, quando o governo fala sobre igreja ele se refere exclusivamente ao catolicismo. O trabalho que as igrejas evangélicas têm feito não tem sido totalmente revelado e reconhecido pelo governo. Se o governo não reconhece isso, a solução que nós temos é conquistar postos no próprio governo para aumentar este trabalho de evangelização.

#### **FISIOLOGISMO: O APEGO AO PODER**

Portanto, no sul do Pará, um grande impulso de participação política de membros das Assembleias ocorreu nas eleições municipais de 1992, quando eles elegeram representantes em quase todos os municípios da região. De fato, eles foram capazes de transformar grandeza numérica e irmandade em poder político. Claramente, a mais evidente característica da maioria destes representantes é um tipo de fisiologismo: eles se aproximam do poder a fim de obter benefícios para as igrejas, e isso está de acordo com a existência de um forte princípio corpora-

tivo entre eles. Líderes das Assembléias perceberam que eles próprios, a partir da base social de que dispunham, estavam em condições de representar diretamente seus interesses. E que podiam fazê-lo por meio da redução da distância entre os recursos públicos e as necessidades de suas igrejas.

Dos postos que passaram a ocupar em câmaras de vereadores e prefeituras, a típica atitude dos pentecostais das Assembléias é uma franca ação em favor das suas igrejas. Eles usam a política pragmaticamente, visando aos interesses do grupo religioso. Tal apego ao poder, conduzido de forma a garantir interesses institucionais, é o comportamento normal dos políticos oriundos das Assembléias; isso pode ser evidenciado pelo fato de que, via de regra, eles estão sempre associados a prefeitos, independente de partido político.<sup>6</sup> Com poucas exceções, partidos políticos são uma referência secundária para políticos evangélicos. O poder, isso sim, é uma referência central. Embora neste particular eles não difiram muito da maioria de políticos de outras extrações, isso é sintomático para Freston (1993), que diz que os pentecostais são contra participar de estruturas ideológicas que não sejam as suas próprias igrejas. Semelhantemente a outros políticos, com poucas exceções, eles usam os partidos políticos como veículos para levá-los às prerrogativas oficiais. Estas prerrogativas são o centro de seus interesses na política.

O uso de tais prerrogativas oficiais está claramente explicitado no depoimento da então, em 1993, vice-prefeita de São Felix do Xingu, que também pertencia às Assembléias. Ela dizia que o apoio de muitas congregações, isto é, várias outras igrejas evangélicas, foi importante para a sua eleição. "As congregações Casa da Bênção, Madureira, Igreja do Verbo e Igreja Cristã do Brasil se uniram em torno de meu

nome nesta campanha, tanto em termos de trabalho prático como em termos de oração". O lema "irmão vota em irmão" ajudou a elegê-la. Seu depoimento abaixo mostra como o cargo que ela ocupava era um instrumento para as Assembléias e outras igrejas evangélicas. Este depoimento revela abertamente o espírito corporativo o qual orienta a maioria dos políticos evangélicos:

Os pastores da Assembléia de Deus não gostam de falar de política dentro da Igreja. Eles apenas dizem: 'Tal pessoa é candidato, os irmãos devem escolher quem merece o voto'. Mas como eu era vice do Antônio, e eu sou uma crente, eles acharam uma boa idéia apoiar o Antônio para me apoiar... Porque se eles não tivessem me apoiado, eles não teriam uma voz forte na prefeitura. E na prefeitura nós temos agora 8 crentes como empregados. O secretário é crente, o dentista é crente, nós temos uma assistente social que é crente, a pessoa responsável pelo setor de saúde é crente. Então nós somos uma equipe. Todos aqueles que ajudaram na campanha estão agora devotados a servir a Deus e ao povo também.

Por que a Assembléia de Deus precisa ter uma voz na prefeitura?

Porque, veja, isso é uma instituição que precisa ter representação. Por exemplo: Eu sou evangélica e eu vou representar minha Igreja em qualquer lugar. Em nome da Igreja eu posso atuar como política e como uma fiel servidora. É mais fácil para a Igreja com um representante político, porque todo problema político que a Igreja tem eu vou tentar resolver. Porque a Igreja tem problemas, problemas de terra, problemas urbanos, ela precisa de lotes, um documento, uma isenção de taxa, uma licença. Como uma crente na prefeitura eu posso ajudar a Igreja.

Fica claro pelo depoimento da

vice-prefeita, como também pelo fisiologismo que se observa na maioria dos representantes políticos das Assembléias, que a motivação central é usar o poder público em função dos interesses das igrejas e de seus membros. A vice-prefeita candidamente declara o princípio, a estratégia política que orienta sua atuação pública: a busca da proximidade com o poder, que é valorizado pelo que dele pode-se extrair. Aparentemente, a utilização de recursos públicos para adiantar interesses privados apenas confirma uma regra, que é na verdade uma praxe nacional exacerbada nesta área de fronteira, já que, especialmente aqui, a política costuma ser um negócio muito lucrativo.

Entretanto, há observações importantes a fazer para qualificar melhor o envolvimento das Assembléias na política. Freston diz que “o fisiologismo se opõe à ideologia, e a corrupção, à honestidade” (1993, p. 285), mas essa definição, conquanto produtiva, não parece ainda suficiente para uma interpretação mais substancial do *ethos* que regula a relação do evangélico com o poder político. Antes de tudo é preciso considerar o cunho corporativista do fisiologismo dos políticos evangélicos. Assim como é praticado pela maioria dos políticos evangélicos, o fisiologismo significa a derivação de vantagens para as igrejas que representam e a partir das quais foram projetados. O uso patrimonial do Estado se dá em função de interesses institucionais e não de interesses pessoais, daí decorre uma série de implicações. Via de regra, o resultado deste fisiologismo não é a corrupção desonrosa. A atitude pessoal de apropriação da coisa pública tem como efeito o reforço da instituição religiosa a que pertence o político, e a primazia do particular sobre o geral justifica-se moralmente pelo sentimento de estar-se cumprindo uma missão. Acreditando-se portador de uma verdade supe-

rior, o político evangélico atua nas esferas de poder mundano no sentido de promover meios para a difusão desta verdade. Há portanto um embasamento ideológico para a prática deste fisiologismo, a qual se configura em apoios a candidatos em situação de favoritismo em campanhas eleitorais e em alianças com políticos em posição de poder, sem se dar muita importância a partidos políticos. Essa seria a postura típica do político evangélico, que se distinguiria em seu fisiologismo de outras formas de apego ao poder tendentes à corrupção e à desonestidade pura e simples.<sup>7</sup> Portanto, este fisiologismo subentende uma ética especial: a visão utilitarista da política justifica-se pelo fato de que, pelo menos como um traço dominante, “o pentecostal se define antes como membro de sua igreja do que como membro de sua sociedade” (Stoll, 1986, p. 319). Eles exercem seus cargos políticos sob a égide de um código ético-religioso que legitima a instrumentalização da política. E é por isso que o discurso da vice-prefeita é proferido com tal candura, declarando abertamente o que políticos de outras extrações, com práticas semelhantes, dificilmente revelariam. O clientelismo não é visto como um vício, posto que a defesa dos interesses específicos da igreja e de seus membros é vista como uma virtude e uma afirmação de identidade religiosa.

### CAMINHANDO PARA UM PROJETO SOCIAL

Portanto, a maioria dos políticos oriundos das Assembléias instrumentaliza cargos públicos para fortalecer suas igrejas. Além deste interesse pragmático e de posicionamentos quanto a questões morais, eles não teriam hoje um projeto social mais elaborado. Diferentemente do corpo de idéias da teologia da libertação, há o entendimento de que “o pentecosta-

lismo, sendo religião 'dos pobres' e não 'para os pobres', não tem teorias políticas sofisticadas" (Martin, 1990, citado em Freston, 1993, p. 285). O pastor Zequinha, progressista ex-candidato a prefeito nas eleições de 1992 em Conceição do Araguaia, confirma esta falta de um projeto social. Ele diz que

Os evangélicos de um modo geral precisam ser mais trabalhados politicamente. Hoje nós temos no Congresso Nacional, numa Câmara de Deputados com 503 deputados, 26 deputados evangélicos... Temos também representações nas assembléias legislativas... Mas o evangélico não definiu um papel político, não tem consciência disso ainda. Ele se preocupa muito mesmo é com o Reino dos Céus, e nas coisas terrenas vão quebrando o galho. É claro que o evangélico ora pelos governantes, pede a Deus pelos que estão em evidência, seja ele quem for. Mas politicamente a igreja não tem um projeto para dizer: olha, nós precisamos lutar por um país assim e assim. Isso não existe na igreja evangélica até hoje.

Contudo, à medida que as Assembléias se expandem, crescem institucionalmente e seus representantes aprofundam-se na política, o objetivo central da evangelização, que inclusive envolve esse mergulho na política, tende a adquirir contornos sociais mais abrangentes. As Assembléias, transformadas em igrejas grandes, tendem a livrar-se de purismos e estreitezas próprios de seitas. E, de fato, lideranças com espírito empreendedor já começam a desenhar iniciativas para suas igrejas atuarem com desenvoltura em questões educacionais e relativas à saúde pública, abrangendo amplos setores sociais. No sul do Pará, a partir do exemplo bem sucedido de uma igreja referencial como a de Redenção, as Assembléias podem caminhar na direção de grandes projetos sociais voltados para a

população pobre.

O pastor Paulo Possidônio, ex-vereador em Redenção, que em 1993 era uma espécie de super-secretário na prefeitura do recém-emancipado município de Pau D'Arco,<sup>8</sup> é um desses empreendedores. Filho de pastor-presidente da influente igreja de Redenção, cidade que abriga uma das maiores igrejas do Serviço de Evangelização dos rios Tocantins e Araguaia (SETA),<sup>9</sup> convenção que abrange cinco estados (o sul do Pará, Goiás, Tocantins, o oeste do Maranhão e o Mato Grosso), falava a partir de uma posição de destaque no meio evangélico. Ele estava preocupado em reconstruir interpretações depreciativas sobre as Assembléias, e era significativa a forma pela qual ele elaborava seu discurso, buscando atribuir significados às Assembléias em oposição a versões correntes que, do seu ponto de vista, não faziam justiça à instituição. A partir da posição de destaque que cargos oficiais proporcionam, pode-se expressar privilegiadamente em favor das Assembléias, e o pastor acrescentava que a evangelização já não consistia apenas na divulgação do Evangelho, mas incluía também ações na área social:

Exato. Esses representantes da Igreja na política seriam portavozes do segmento evangélico da Assembléia de Deus em si... se faz necessário uma voz que fale em favor da Assembléia de Deus, que diga o que ela é e por que o dizimo, o que é feito com esse dizimo e quais são os outros projetos que a Assembléia de Deus está desenvolvendo. Porque, depois de 80 anos, ela já parte para outros projetos. Hoje a evangelização da Assembléia de Deus não é apenas a divulgação do Evangelho em si. É também a área social, a área de educação, a área de saúde, a área de previdência, esse é o projeto da Assembléia de Deus hoje.

O discurso de Paulo Possidônio sintetiza certos objetivos políticos das Assembléias. Ele reafirma a presença da instituição na política como uma atitude defensiva, em decorrência de acusações e mal-entendidos que atravessam toda a sociedade e precisam ser combatidos. Ele também confirma que a política é um meio de garantir recursos e apoios para ações evangélicas. E, finalmente, mostra como as difíceis circunstâncias que o país atravessa na área social e a falta de medidas oficiais para resolvê-las podem ser instrumentalizadas em favor das Assembléias. Na oportunidade da entrevista, Possidônio mostrou uma grande disposição para expor suas idéias, que incluíam um ambicioso projeto social, envolvendo ações nos campos da educação, da saúde e da seguridade social. Vejamos como ele pormenoriza o projeto social da sua igreja:

Tem um projeto de previdência social. Nós - eu posso dizer isso a nível da Igreja que eu atuo e sou vice-presidente - criamos há 3 anos a Fundação Evangélica de Educação e Beneficência de Redenção. Então ali nós estamos mantendo uma escola de primeiro grau, que hoje já está com 180 alunos, e que é aberto, não é só para crianças evangélicas. Ela é aberta a todas as pessoas que comprovem carência. E nós temos aqui também um Instituto de Previdência... é uma contribuição que hoje varia de 3 a 6% do salário mínimo mensal daqueles que querem participar, e essas pessoas o que elas recebem em troca é assistência médica, consulta médica, internação, desde que não ultrapasse 5 dias de internação, ultrasonografia, raio X e cirurgia, que este Instituto Previdenciário está oferecendo para as pessoas que participam. (...) Nós temos convênios. Hoje são três hospitais conveniados. Nós temos convênios com 3 hospitais em Redenção, que são o Hospital São Vicente, o Hospital São Lucas e o Hospital

Nossa Senhora da Conceição. Ao todo são 6 médicos, 2 em cada um desses hospitais, que têm esse convênio com a Fundação, que nós chamamos de FUNDEB (Fundação Evangélica de Cultura e Beneficência de Redenção). E agora nós estamos partindo para outro projeto, que é o projeto que visa assegurar aposentadoria. Esse projeto é exatamente porque nós não temos uma segurança nos institutos públicos. No INSS hoje a grande camada social de que é composta a Assembléia de Deus não tem acesso a ele. (...) Então a Assembléia de Deus, olhando para esse lado e vendo essa necessidade, então a gente partiu para isso, criar esse centro previdenciário.

O projeto social do qual o pastor Paulo Possidônio fala nasceu em Redenção, e está se expandindo, tratando-se já de um projeto regional, apoiado pelo SETA.

Quando essa providência nasceu em Redenção nós levamos ela ao crivo convencional, porque isso é uma praxe da Assembléia de Deus: quando você tem uma idéia você deve ter o apoio de sua convenção. Então quando essa idéia foi levada à Convenção, a Convenção achou por bem que ela fosse regional, que cada Igreja que tivesse condição para essa estrutura, e para isso criasse uma fundação.

- Então, dentro da Convenção do SETA, cada Igreja tem o seu sistema autônomo?

Cada Igreja tem o seu sistema. É descentralizado, cada Igreja tem o seu sistema. Mesmo porque fica mais fácil para administrar. Então por isso a gente está ali. Redenção tem sido em termos de evangelização pioneira em várias iniciativas.

Face à crise nos serviços públicos em que o país está mergulhado, esta parece ser uma idéia com um imenso potencial, capaz de atrair legiões de as-

sociados. Mas, além de reforçar a capacidade de arregimentação de fiéis, o projeto descrito pelo pastor Paulo Possidônio poderia também produzir uma evolução na qualidade do envolvimento político das Assembléias. As Assembléias podem se revelar politicamente dinâmicas. Tal aproximação com problemas sociais de setores empobrecidos da população, pela qual se procura infundir doutrinas evangélicas, poderia levar a isso. Vale insistir que a pobreza poderia ser para os pentecostais um fator de conversão política, da mesma forma como ocorreu em relação a padres e bispos católicos. Como Freston (1992, p. 42) prognostica,

Num contexto de miséria crescente, o papel político dessa comunidade em expansão ainda poderá passar por muitas transformações.<sup>10</sup>

### POSIÇÕES POLÍTICAS PROGRESSISTAS

Uma destas possíveis transformações encontra-se aludida na literatura já há algum tempo. Trata-se da interpretação de Novaes (1985) quanto ao efeito que a reunião de pessoas, agregadas em função de uma mesma vivência religiosa, pode gerar em termos de ajudas mútuas, adoção de posições políticas mais progressistas e conquista de direitos de cidadania.<sup>11</sup> Movimentos pela cidadania, pela moralização da vida pública e contra a violência podem unir a população, e, em torno destas bandeiras, evangélicos e petistas podem se associar em campanhas eleitorais. Agora que o fantasma do comunismo já não assombra tanto os evangélicos, e setores do próprio PT têm-se mostrado menos dogmáticos, um número maior de líderes das Assembléias, a partir de uma posição política de centro, mas conscientes dos problemas que afligem a população pobre, podem assumir posturas mais favoráveis a coalisões políticas.<sup>12</sup>

Na região, um precedente foi já estabelecido pelo pastor Zequinha. Valendo-se de um discurso poderoso, atribuído que é comum em pastores evangélicos, ele foi candidato a prefeito de Conceição do Araguaia, encabeçando uma coalisão da qual o PT participava. É verdade que as circunstâncias locais clamavam por qualquer liderança que pudesse enfrentar o grupo que tiranizava o município. Mas governos municipais tirânicos não são circunstância extraordinária na região. Na mesma época desta pesquisa, em 1993, também em São Geraldo do Araguaia o poder local era controlado de forma muito prepotente. E, lá em Conceição, diz-se que a aliança entre a liderança evangélica e a militância petista não teve nada de insólito. Com estilo e discurso próprios, o pastor mostrou grande disposição para sentar, conversar e debater com o movimento popular sobre como combater a elite que controlava o poder local. Comenta-se que ele foi muito mais petista que muitos petistas de fato.<sup>13</sup>

As Assembléias podem evoluir politicamente,<sup>14</sup> e podem desempenhar um papel de suporte às classes populares para uma ação prática de mudança social. A religião que elas promovem aparece como uma necessidade das classes populares e, a partir da influência de seus líderes, essa religião poderia emergir exprimindo vontades políticas destas classes. Se isso acontecesse, não seria a primeira vez. E proporciona certo alento o fato de que o pastor Zequinha não é na região o único político pentecostal progressista. Há outros que adotam posições progressistas, como é o caso do vereador Francisco Alencar, também de Conceição do Araguaia, que diz que na esquerda é onde se pode encontrar políticos com "vergonha na cara", e que políticos evangélicos, desencantados com a direita, estariam propensos a bandear para a esquerda.

Até mesmo Jesus Cristo foi considerado de esquerda... Na esquerda você pode ver um pouco de honestidade... Eu vou continuar na esquerda, porque este é o lado onde você pode ver nos políticos um pouco de vergonha na cara... Eu tenho notado que vários deputados de direita, pessoas que nós temos contato na Igreja, reclamam que eles foram para partidos como o PMDB e o PFL procurando por coisas que eles não encontraram. Eles dizem que seus próximos passos vão ser na direção da esquerda. A maioria deles na primeira oportunidade vai bandear para a esquerda.

Não que se deva imaginar que eleitorado e políticos evangélicos bandeiem em massa para a esquerda. Muito mais plausível é a acentuação de um caráter politicamente ambíguo e contraditório, próprio de religiões populares, que tendem a se articular camaleonicamente com diversos grupos, para tentar abarcar todo o conjunto social. Também é de se esperar um aumento de clivagens internas, que se pronunciam tão logo instituições religiosas se envolvem em política. Além de que, como diz o vereador Adilton, de Xinguara, "o evangélico se pauta mais pelo centro". O importante é romper com a aversão que muitos deles têm com relação à esquerda política e criar agendas comuns entre eles e a própria esquerda. A moralização da política, por exemplo - expressa por Adilton em termos de que "o evangélico tem a responsabilidade maior de participar da política, do contexto político nacional, e tentar ver se conserta o nosso país com a moralidade" -, é uma disposição que pode aproximar evangélicos e petistas.

### CONCLUSÃO

A política no sul do Pará é composta por diversas redes de interesses, as quais envolvem pessoas e instituições.

Estas redes aparecem como bases políticas, à medida que elas permitem a mobilização de recursos para seus representantes atuarem politicamente em áreas de interesse público. Nesse sentido, a grande novidade regional é a expressão política das Assembléias de Deus. Por causa da sua capacidade de influenciar, organizar e mobilizar uma ampla faixa das classes populares, as Assembléias de Deus são bases políticas muito importantes, e o grande número de vereadores oriundos destas igrejas prova isso.

O que ocorre na região confirma a tendência nacional de ganho de peso social e político pelas igrejas pentecostais, que ganham espaço também como objeto de estudo. Algumas asserções da literatura que tem tratado do fenômeno, conforme suas manifestações em outras partes do país, são igualmente confirmadas nesta abordagem, inclusive em que os representantes das Assembléias de Deus na política são novos atores em busca de papéis que não necessariamente correspondem ao estereótipo de conservadorismo. Nesse sentido, esta abordagem não traz novidades, mas ressalta uma novidade na política regional e especula sobre seus desdobramentos. O artigo também reflete peculiaridades de uma região de fronteira, que até recentemente experimentava os esforços da Igreja Católica e sua opção preferencial pelos pobres e, hoje, à medida que se urbaniza, vê candidatos a cargos públicos eletivos, originários das Assembléias de Deus, serem eleitos como a opção do migrante pobre, que ainda ocorre para cá em grande número.

A participação das Assembléias na política é obviamente movida por razões institucionais. O grande afã das Assembléias é formar uma elite política, elegendo seus representantes para cargos de onde eles possam defender os interesses da instituição.<sup>15</sup> Isso é visível. Não

obstante esta disposição, claramente percebida inclusive pelos discursos que eles mesmos emitem, alguns dos representantes das Assembléias sustentam posições progressistas no que diz respeito a questões sociais, podendo mesmo ser classificados como políticos de esquerda. Em vista disso, uma especulação pertinente é se estes líderes pentecostais de esquerda seriam capazes de conciliar os interesses particularistas que os sustentam com posicionamentos mais gregários; se eles poderiam influenciar um ambiente que é de fato politicamente conservador em sua maioria, contribuindo para o desenvolvimento de uma nova mentalidade política neste meio.

Na região, alguns líderes das Assembléias planejam e implementam projetos sociais ambiciosos, cujo objetivo final é a evangelização e o reforço institucional. Como organizadores de tais projetos, voltados para saúde e educação, eles não estão incólumes a influências de sindicatos, partidos políticos e movimentos populares que atuam nestas mesmas áreas. E o próprio impacto da pobreza pode operar mudanças ideológicas, como já ocorreu com padres e bispos católicos, que de conservadores passaram a progressistas. Mais que defensores dos pobres, em sentido paternalista, alguns destes tornaram-se sensíveis às causas populares. Fazendo um paralelo com a ação empreendida pela Igreja Católica, que a partir do "basismo", praticado nas comunidades de base, influenciou a política regional, ensejando uma pressão de baixo para cima,<sup>16</sup> uma evolução poderia acontecer também no caso dos evangélicos, estes experimentando avanços políticos como o resultado da liderança que o pastor exerce sobre os fiéis.<sup>17</sup>

À medida que as Assembléias possuem uma grande capacidade para organizar os pobres e formar líderes, elas

podem vir a cumprir um papel político relevante, se seus líderes estiverem dispostos a isso. Os crentes pentecostais representam um eleitorado cada vez mais numeroso, embora conservadores na maioria. Portanto, esta é a especulação deste artigo: certas lideranças das Assembléias - impelidas por situações sociais que desagradam a quase todos (a violência generalizada, mas também a corrupção política, que na região chega a ser caricatural), operando a partir de instituições dotadas de grande potencial para persuadir e organizar os pobres com base em valores morais e éticos - seriam capazes de influenciar o comportamento político de parte importante dos fiéis e, em consequência, o quadro político regional.<sup>18</sup>

A possibilidade de coalisões políticas em questões fundamentais para a região representa mais que uma promessa, já que algumas preocupações têm já funcionado como uma espécie de cimento, juntando diferentes grupos em um único bloco. Este é o caso da luta contra a violência, a qual tem sido um grande fator de coesão. Em Redenção, a organização de uma grande passeata contra a violência reuniu agentes pastorais ligados à Igreja Católica com evangélicos de várias denominações. Como foi visto anteriormente, nas últimas eleições municipais em Conceição do Araguaia, a coalisão dos partidos PDT, PSB e PT, liderada pelo pastor Zequinha, pode ter sido um importante passo na direção de uma união maior em torno de interesses populares. O significado de tal coalisão transcenderia o caráter de uma mera aliança circunstancial. A candidatura do pastor significaria o aparecimento de um líder popular de grande potencial e o suporte que ele recebeu seria como que um ensaio na direção de uma soma de forças muito benéfica para as classes populares, representando um divisor de águas na

política regional.

Mas por enquanto tudo isso são apenas conjecturas. De concreto há apenas indícios e discursos. Com relação à sua proposta de governo, o pastor Zequinha dizia: "a gente sonha em ver um governo aberto, popular e participativo, onde a sociedade tenha vez". Em relação a posicionamentos políticos, ele sustentava que "os evangélicos estão começando a abrir os olhos ... ele vê que não é a direitona conservadora que é dona da verdade... Hoje a gente vê outras opiniões. Eles vão abrindo... eu quis fazer ver que o evangélico também é um cidadão que pode se candidatar e que pode conviver e não se perverter". Ele também dizia que "no meio evangélico, o projeto que tem sucesso é justamente o projeto que o pastor encabeça". O pastor Zequinha figurava como um político progressista, capaz de, com seu discurso bem articulado e seu carisma, exercer importantes influências no meio evangélico local. Mas é preciso esperar os acontecimentos.

De forma que este artigo tratou do envolvimento das Assembléias de Deus na política regional, inclusive ponderando sobre a possibilidade de políticos progressistas desta extração avocarem um papel de liderança e promoverem mudanças políticas. Olhando para a experiência da ala progressista da Igreja Católica, o vínculo entre religião e política já mostrou poder gerar avanços democráticos importantes. Contudo, as inserções políticas da Igreja Católica e das Assembléias de Deus são casos muito diferentes, e contrastes logo se evidenciam quando se as compara, tornando difícil prognósticos acerca das possibilidades das Assembléias com base nas circunstâncias passadas das CEBs, do MEB e da CPT. O que se pode dizer a partir da consideração da história é que o casamento entre religião e política já mostrou

ser fértil e capaz de surpreender. A experiência das Assembléias está em curso e, evidentemente, este artigo não poderia ser conclusivo. Antes de tudo ele aponta para potencialidades e levanta uma questão que não pode ser respondida no presente. Se um significativo número de políticos desta origem pode vir a promover valores éticos, ligados à cidadania e à democracia, a ponto de representar uma mudança no quadro político da região, é uma questão aberta, cuja resposta ainda está para ser construída. Há indícios desta possibilidade e há, principalmente, muita expectativa.

## NOTAS

<sup>1</sup> Conforme pesquisa realizada em 1993, de uma amostra de 101 vereadores, atuantes em 9 municípios da região (Marabá, Conceição do Araguaia, Redenção, Rio Maria, Tucuruí, Ourilândia, Tucumã, São Felix do Xingu e Pau D'Arco), 18 eram originários das Assembléias de Deus (Peixoto, 1995).

<sup>2</sup> A partir de Belém, as Assembléias de Deus se expandiram gradualmente, primeiro no Nordeste e então no Sudeste (Freston, 1993), fazendo-se presentes agora em todas as cidades importantes do Brasil. Estima-se que seus membros somam já 13 milhões, num total de 29,5 milhões de evangélicos (Isto é, 13/9/95). Uma outra estimativa mais moderada calcula que os pentecostais e os neopentecostais (igrejas criadas a partir de 1970, inclusive a Universal do Reino de Deus), grupo de igrejas do qual a maior representante é a Assembléia de Deus, somam aproximadamente 12 milhões de pessoas (Folha de S.Paulo, 17 - setembro - 1995). Freston (1993, p. 76) relata que eles teriam como objetivo atingir 50 milhões de fiéis até o ano 2.000. O mesmo autor observa que, não obstante valorações exageradas de sua própria força e potencial de crescimento, as Assembléias de Deus já se tornaram efetivamente a maior igreja evangélica do país e parecem estar no limiar de um *boom* ainda maior.

<sup>3</sup> De acordo com Zequinha, vice-presidente da Assembléia de Deus em Conceição do Araguaia, "a Igreja trabalha muito o indivíduo, não que ela faça isso propositalmente, mas é a necessidade. Disse que é a dor que ensina a gemer, né? O indivíduo vai sendo conduzido para a liderança, ele vai tendo que se esperar, à medida que o trabalho vai crescendo e exigindo dele. Você tem que participar, fazer cursos, você tem que se aperfeiçoar, trabalhando realmente para poder exercer melhor a função que lhe é confiada". Portanto, não há uma grande distância entre clero e membros leigos, porque aqueles no topo da hierarquia alcançaram essa posição sem que tivessem que passar por algum processo exclusivo de formação. Treinamentos são oferecidos em feitiço popular, e "aqueles exercendo o ofício pastoral falam a linguagem do povo, porque eles vieram destes estratos sociais" (Read, 1965, p. 136).

<sup>4</sup> No Pará, os deputados estaduais Raimundo Santos e Eunice Gouveia e, o deputado federal, Eiel Rodrigues representavam este recente engajamento político das Assembléias de Deus.

<sup>5</sup> Há divergências de interpretação quanto ao suporte doutrinário para este engajamento político e, especialmente, sobre o uso da Bíblia pelos pentecostais das Assembléias para justificar posicionamentos políticos. Neste particular, gostaríamos

de discordar de Lehmann (1992). Este autor contrapõe pentecostais e católicos, dizendo que, entre os últimos, "nos grupos de base e nas comunidades, lê-se a Bíblia como fonte explicativa da realidade social e como veículo de uma interpretação em que a dominação, a exploração e o sofrimento coletivo são a chave". Ele afirma que "tanto a teologia da libertação quanto os pentecostais reconhecem na Bíblia uma série de episódios épicos. Mas, enquanto aquela os reinterpreta à luz da realidade cotidiana do povo, estes os lêem simplesmente como gestas". Segundo Lehmann, para os pentecostais "a epopéia dos filhos de Israel é a história de um povo emblemático e idealizado, perdido na pré-história (ou nas terras longínquas do atual Oriente Médio) e não uma categoria social contemporânea" (Lehmann, 1992, p. 157-159). Entretanto, o que o autor diz não corresponde à ênfase com que representantes das Assembléias evocam figuras de líderes políticos bíblicos - como José do Egito, por exemplo -, para justificar ações nesse campo.

<sup>6</sup> Considere, por exemplo, a amostra de políticos assembleianos que se segue, cuja filiação pluripartidária demonstra que o valor dado a partidos é inversamente proporcional à importância de se estar próximo ao poder: em Xinguara, articulados à coalisão entre o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) [Jader Barbalho]/e o Partido Social Trabalhista (PST) [o ex-vice-governador Carlos Santos], os evangélicos das Assembléias foram capazes de eleger o vice-prefeito e 4 vereadores. Em Tucuruí, a iniciativa veio do prefeito eleito, Parsifal, que, como candidato do Partido da Frente Liberal (PFL), fez discursos com abundantes referências a Deus, e diz-se que teria prometido um ônibus para as Assembléias, em troca de apoio político. Nesta mesma cidade, o vereador Domingos Paulino (PFL), uma vez que é aliado do prefeito, está em condições de levar benefícios para seu reduto político no conjunto habitacional da COHAB, "onde 80% dos moradores pertencem à Assembléia de Deus". Ainda em Tucuruí, as Assembléias contavam em 1992 com 12 templos, cuja frequência era bem maior do que os da Igreja Católica, segundo o vereador Valdivino do Partido Socialista Brasileiro (PSB), que foi eleito com o apoio dos evangélicos, e pertencia ao mesmo partido do prefeito Parsifal, antes deste se transferir para o PFL. Em Parauapebas, além do prefeito Chico das Cortinas, os vereadores Geová e Zé Batista são evangélicos que pertenciam ao PMDB, o partido do ex-governador Jader Barbalho. Zé Batista em particular obtinha recursos da prefeitura para atender seu eleitorado nas comunidades rurais da área de colonização conhecida como CEDERE. Em Ourilândia, o vereador Cisefredo (PMDB) também era "jardista", enquanto o também evangélico vereador Nonato Maurício do Partido Socialista Democrático do Brasil (PSDB) era alinhado com o prefeito.

<sup>7</sup> Contudo, é preciso cautela nas generalizações quanto à participação dos evangélicos na política, dado que a busca do ganho pessoal e a corrupção, que caracterizam uma imagem deteriorada do político em geral, também ocorrem nesse estrato, sendo portanto a matização a abordagem mais adequada para interpretar este envolvimento. Outro ponto é que as mudanças neste campo têm adquirido velocidade, e a relação dos pentecostais com a política, longe de cristalizar-se num modelo definitivo, transforma-se a cada eleição. Clivagens políticas tendem a se pronunciar no interior das igrejas, e especialmente a assunção do PT como uma referência político-partidária começa a se tornar mais frequente entre os membros mais jovens das Assembléias de Deus.

<sup>8</sup> Na emancipação de Pau D'Arco há uma interessante articulação política. Foi o atual deputado federal Giovanni Queiroz, quando deputado estadual, o autor do projeto de emancipação de Pau D'Arco. E, como diz Paulo Possidônio: "... ele teve uma votação extraordinária para deputado federal, quase 90% dos votos de Pau D'Arco, em função do trabalho que ele prestou aqui". Trata-se de mais uma evidência da ligação do deputado Giovanni Queiroz (que se posiciona como principal candidato a primeiro governador do potencial Estado do Carajás) com políticos ligados às Assembléias de Deus.

<sup>9</sup> Há operando na região 3 ministérios ou igrejas: o Serviço de Evangelização dos rios Tocantins e Araguaia, chamado SETA, a Madureira, com sede no Rio de Janeiro, e a igreja de Anápolis. Por isso, esse texto frequentemente usa o termo Assembléias.

<sup>10</sup> A associação entre religião e política e o tratamento de questões sociais por parte de igrejas têm provado ser geradores de novas disposições para mudança, tanto na ideologia das igrejas como nas práticas políticas da sociedade envolvente. A inserção da instituição religiosa em contenciosos regionais dados por problemas, tais como a violência e a deplorável situação da saúde pública, por onde já se insinuam as Assembléias, tenderia a produzir internamente diferentes interpretações políticas e a gerar facções divergentes. Uma tendência política progressista, já antevista dentro das Assembléias de Deus, poderia ganhar corpo. Nesse sentido, um paralelo com a Igreja Católica pode ser interessante. Sabe-se que muitos religiosos, a princípio alheios a projetos de mudança, foram convertidos a posições progressistas justamente pelo impacto que os problemas sociais, a pobreza em particular, causou neles. Influências se fizeram sentir na Igreja, cujos agentes, em contato com correntes políticas diversas, permearam ideologicamente a instituição. Sociedade e Igreja influenciaram-se reciprocamente, repercutindo de forma muito importante em toda a vida política regional. Contudo, neste paralelo entre as Assembléias de Deus e a Igreja Católica progressista, evidenciam-se contrastes. Lehmann (1994, p. 159), por exemplo, falando não das Assembléias em particular, mas das igrejas pentecostais em geral, aponta várias distinções, a começar pelo fato de que a teologia da libertação "insiste no pecado 'social' ou 'institucional'... incitando-nos a lutar diariamente em nome de princípios abstratos de justiça social", enquanto os pentecostais acentuam as condutas individuais, "a racionalização da própria vida (e não da sociedade em geral)" (ibidem, p. 162), pregando a autodisciplina, e, mais do que conteúdos, os pentecostais enfatizam o tom das situações rituais: "os pregadores não pedem, ao contrário, ordenam... Tanto a forma do ritual como o tipo de discurso pertencem ao espaço da linguagem popular" (ibidem, p. 160). A autoridade da figura do pastor, nas igrejas pentecostais, contrasta com o estilo católico basista, que "procura criar um diálogo entre o sacerdote e os fiéis" (ibidem, p. 161). Também em abordagem comparativa, Stoll (1986, p. 315) observa que "os pentecostais não se posicionam politicamente em bloco perante determinadas situações (a eleitoral é uma delas) e nem face a questões sociais e políticas que se lhes colocam. Aliás, isso não ocorre nem mesmo dentro de uma mesma denominação, já que não existe entre os evangélicos uma instância hierárquica centralizada que informe e oriente sua prática política como ocorre, por exemplo, com a Igreja Católica... Ou seja, entre eles [os pentecostais] a multiplicidade de posicionamentos é possível apesar da rigidez ético-doutrinária que os caracteriza...". Apesar destes contrastes, que sugerem que o impacto do envolvimento político das Assembléias tenderia a ser diferente daquele produzido pela Igreja Católica, esta enfatizando uma cultura de participação, aquelas produzindo líderes políticos capazes de encaminhar atitudes e projetos sociais, o argumento de que disposições populares para mudanças políticas poderiam ser gerados a partir da inserção das Assembléias na política não fica inviabilizado. Estes contrastes, que fazem sobressair atributos das igrejas pentecostais, tais como a forte ascendência dos pastores sobre os fiéis e esta possibilidade de diversos posicionamentos políticos dentro de uma mesma denominação, não impediriam que, assim como os católicos, eles também venham a evoluir de acordo com as necessidades de compatibilização institucional ditadas pelo desenvolvimento das circunstâncias sociais. Estes atributos poderiam mesmo contribuir para a possível evolução política das Assembléias sobre a qual este artigo especula. Como propõe Freston (1993, p. 21), "está na hora de a sociologia da religião lançar-se ao estudo das grandes igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica".

<sup>11</sup> Reportando-se à fala de um agricultor, a autora vê como a

"igreja dos crentes" pode "permitir certas rupturas com a dominação tradicional", e permitir "ao agricultor ter acesso a certos atributos de cidadão: parecer que tem estudo, ser falante, cheio de explicações, apumado, erguer a cabeça" (Novaes, 1985, p. 136).

<sup>12</sup> Tal possibilidade precisaria ser trabalhada, contudo. Veja o que o progressista pastor Zequinha pensa a respeito disso:

Q: Você não acha que havia uma associação do PT ao comunismo e isso espantava os evangélicos?

- E como espantava. Por exemplo, na nossa coligação, muitos evangélicos deixaram de votar na gente porque nós estávamos unidos junto com o PT, trabalhando de mãos dadas. "Ah o PT". O PT às vezes foi um bicho de 7 cabeças. E nós esperamos que à medida que o PT vá conseguindo governar prefeituras, estados, o povo vá amansando, e vendo que não passa de um projeto político. O PT é o partido mais democrático que se pode ter no Brasil. Até as determinações internas passam por um processo democrático muito transparente. Eu acho que o PT no poder não ia oprimir ninguém. Ao contrário, ia abrir realmente o poder.

Q: Mas há aquela preocupação dos evangélicos com o que poderia fazer a esquerda quando no poder em relação à liberdade religiosa.

- Isso tem realmente.

Q: Você não acha que nas campanhas políticas do PT isso tem de ser explicitado?

- É. Quanto mais os partidos, tanto o PT, como o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o PSB, e outros partidos que são de centro-esquerda e esquerda, que eles puderem esclarecer com relação a isso é fundamental. Porque o evangélico em determinadas cidades e regiões tem uma certa densidade, eles se concentram muito, então eles representam uma grande votação no lugar. E por falta de um esclarecimento, uma coisa bem transparente, eles deixam de votar. E contribuem para que se permaneça um quadro imoral, de corrupção, né.

<sup>13</sup> Sobre tal auspiciosa posição política assumida por um pastor evangélico, ele diz que, como um político de esquerda, ele foi capaz de arremessar o suporte apenas de uma fração dos evangélicos, que "são na maioria conservadores" e estariam politicamente desestimulados:

- Eu não fui um candidato lançado por evangélicos. A igreja evangélica, não estou falando aqui um nome, uma denominação, ela não trata disso. Quem lança o candidato é o partido político. E os evangélicos, via de regra, são muito conservadores. Uns têm a mente bem aberta, outros são demasiadamente conservadores, e éramos considerados uma campanha mais assim de esquerda. Então muita gente se afastou. Mas nós tivemos aproximadamente uns 40% dos votos dos evangélicos... Os outros 60% votaram esfaceladamente, outros anularam o voto. O desânimo de votar hoje é muito grande.

<sup>14</sup> Esta disposição para mobilidade em termos de posicionamentos políticos é aventada por Zequinha, pastor e político, como se segue:

Q: Você acha que pode haver um movimento de os evangélicos tenderem para posições mais progressistas?

- Eu acredito que sim. Eu acredito que os evangélicos estão começando a abrir os olhos, e estão começando a ver. Por exemplo, veja o que aconteceu nas últimas eleições presidenciais [refere-se às eleições de 1990]. O ex-presidente Collor levou quase todos os votos evangélicos do Brasil. O evangélico morria de medo do Lula ser presidente da República, com a falsa imagem de que o Lula faria isso e aquilo outro... Fecharia as Igrejas Evangélicas, oprimiria os crentes, cassaria seus direitos religiosos, e isso passou pela cabeça de muita gente. Collor entrou naquele apogeu de popularidade, e aconteceu o que aconteceu. Tem muita gente escabriada hoje. Quer dizer, o povão vê que não é a direitona conservadora que é dona da verdade. Agora nós

estamos pagando essas conseqüências, e o evangélico é parte desse todo que está começando a abrir os olhos.

<sup>15</sup> Nisso, há uma importante questão regional a considerar. Há um movimento para transformar o sul do Pará em um novo Estado da Federação, perspectiva que mobiliza diversas instituições e grupos políticos, em função de garantir espaços nessa possível nova estrutura de poder. O possível novo Estado amplia os horizontes e as perspectivas de vantagens do jogo político, no qual as Assembléias de Deus estão tão interessadas. A criação de vários novos municípios entra como parte desta grande mobilização política. Vereadores de "municípios-mãe" têm se tornado prefeitos nos novos municípios; líderes comunitários têm achado espaço nas novas câmaras municipais, e outros têm se estabelecido em secretarias. Os recursos que eles comandam não são grandes, mas representam muito para os pobres municípios que eles administram. Estes políticos emergentes podem usar seus cargos para a prática do clientelismo e para assegurar bases eleitorais. A criação do novo Estado significaria uma elevação para todos eles. Prefeitos de pobres municípios tornar-se-iam deputados federais ou senadores por um rico Estado, e há inúmeros cargos oficiais em jogo. Em 1993, a cidade de Marabá estava cheia de faixas chamando por apoio popular à idéia. Havia realmente um clima de disputa para preencher posições em vista do novo Estado.

<sup>16</sup> Quando a Igreja Católica progressista empreendeu, a partir de meados dos anos 70, através das CEBs, do Movimento de Educação de Base (MEB) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), uma ação político-cultural particularmente junto a trabalhadores rurais, os resultados daquela ação acabaram transcendendo em muito o domínio das pequenas comunidades. Aquela ação envolvia práticas de democracia direta, as quais foram encapsuladas no termo basismo. Tais práticas, inicialmente ingênuas, amadureceram, ao extrapolarem o ambiente eclesialístico e hoje, convivendo num universo político muito mais plural, influenciam a política regional, na forma de avanços na direção da democracia participativa. Assim, o grande benefício daquela experiência foi, mais do que diretamente gerar líderes, produzir um anseio de participação política por parte de grupos populares. Hoje mesmo certas elites políticas têm absorvido critérios administrativos não elitistas, tais como os ilustrados pelo funcionamento dos conselhos municipais e do orçamento participativo na cidade de Marabá.

<sup>17</sup> Concentra-se na figura do pastor-presidente uma grande dose de poder (Freston, 1993, p. 72). Como diz Zequinha, "cada Igreja tem apenas um pastor presidente, e os demais pastores são pastores auxiliares, ou presbíteros ou evangelistas, que apoiam e desenvolvem o trabalho. Mas a liderança mesmo é do pastor... Quer dizer, no meio evangélico, o projeto que tem sucesso é justamente o projeto que o pastor encabeça, que puxa, porque o evangélico é também uma ovelha, que procura sempre seguir e obedecer, até mesmo sem questionar".

<sup>18</sup> Ambos, o candidato a prefeito Zequinha e o vereador Francisco Alencar, embora sejam reconhecidos como políticos de esquerda, filiavam-se ao PDT de Giovanni Queiroz, político que dificilmente poderia ser classificado como de esquerda. Como se sabe, vínculos partidários e mesmo alianças pessoais têm-se mostrado muito circunstanciais, aqui como no país todo. Tais políticos evangélicos progressistas poderiam estar apenas se valendo da sigla partidária para concorrer em eleições. Mas, por outro lado, esta ligação pode ser mais significativa, dado que Giovanni Queiroz é o maior lobista para a criação do Estado do Carajás, desde já se colocando como seu potencial governador. Apoiando evangélicos, que são indiscutivelmente uma força política crescente na região, ele estaria articulando-se para reforçar seu cacife.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOLHA DE S. PAULO. 17-9-1995.

- FRESTON, P. *Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 1993.
- LEHMANN, D. "Prolegômenos às revoluções religiosas na América Latina". *Tempo Social (Revista de Sociologia da USP)*, n. 1-2, primeiro semestre de 1994. vol. 4.
- MENDONÇA, A. G., VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola. 1990.
- NOVAES, R. R. *Os Escolhidos de Deus. Pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1985.
- PEIXOTO, R. *The making of political careers in southern Pará, Brazil*. Inglaterra: Universidade de Essex. Tese de doutorado. 1985.
- READ, W. R. *New patterns of church growth in Brazil*. Grand Rapids: Wm. B. Erdmans Publishing Co. 1965.
- REVISTA *Isto É*. 13-9-1995.
- ROLIM, F. C. *Pentecostalismo. Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes. 1995.
- STOLL, S. J. *Púlpito e Palanque: Religião e Política nas Eleições de 1982 num Município da Grande São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campinas. 1986.